

Pronto-socorro superlotado

ELISA TÉCLES

DA EQUIPE DO CORREIO

Macas paradas nos corredores, disputa por atenção dos médicos e muito improviso formam o cenário caótico do pronto-socorro (PS) do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). A Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa visitou ontem o hospital e constatou a carência de materiais e funcionários, além da superlotação do setor. A sala do PS tem capacidade para 120 pacientes, mas hoje abriga cerca de 200, acomodados em camas, macas e cadeiras que ocupam praticamente todo o espaço do local.

Na sala de raios x, um único aparelho é usado para atender uma média de 300 pessoas por dia. O mesmo equipamento funciona há 35 anos e está em um cômodo sem ar-condicionado. A espera por uma radiografia leva, pelo menos, duas horas. No setor de aplicação e retirada de gesso, o maior problema é a falta de serras. Só existe uma ferramenta para trocar o gesso dos pacientes imobilizados, e, segundo funcionários, ela quebra com frequência. "Quando não tem serra, abrimos com as mãos ou mandamos para outro hospital, se o caso for mais difícil", contou uma enfermeira, que pediu para não ter o nome revelado.

Os dois boxes de emergência estão sem desfibrilador há um mês. A única máquina, usada para reanimar pacientes com parada cardíaca, está quebrada e não há previsão para voltar a funcionar. Além de lidar com a falta de equipamentos diariamente, os profissionais aprenderam a trabalhar sobrecarregados. Uma equipe de 10 médicos, seis enfermeiros e 24 auxiliares de enfermagem tratam dos 200 pacientes. "O PS chega a fazer 1,5 mil atendimentos por dia, trabalhamos no limite. O problema é que aquilo funciona como uma enfermaria, você medica o paciente e ele fica ali esperando pelo tratamento", alegou um médico do HBDF, que também preferiu não se identificar.

Improvisto

"Se chegassem mais uma pessoa aqui, ela não teria onde ficar, o lugar está lotado. Tem gente aqui há um mês, isso tira o caráter de emergência do pronto-socorro", explicou a deputada distrital Érika Kokay (PT), presidente da Comissão de Direitos Humanos. Esse é o caso de Deusmira Barros, uma dona-de-casa de 39 anos que foi obrigada a adotar os corredores do hospital como moradia. Ela foi atropelada no Eixão há um mês. Desde então, divide o novo lar com duas centenas de pessoas.

À espera de uma cirurgia para recuperar o joelho, Deusmira não vê a hora de voltar para casa, em Samambaia, onde deixou

Fotos: Zuleika de Souza/CB



OS PACIENTES ESPERAM POR EXAMES E CIRURGIAS EM MACAS, CAMAS E CADEIRAS ESPALHADAS PELO SETOR QUE DEVERIA ATENDER APENAS CASOS URGENTES



ESPERA POR UM LEITO: DERIVALDO PASSOU SEIS HORAS EM UMA CADEIRA

seis filhos pequenos. "Já cheguei a vestir a camisola e ir para a sala de cirurgia, mas me mandaram de volta para cá. Todo dia marcam e desmarcam isso, não sei quando vou sair daqui", reclamou.

Com a falta de camas apropriadas, as macas para transporte de pacientes e até cadeiras das salas de espera viraram leitos. O vaqueiro Derivaldo Sampaio, 52, veio de Barreiras (BA) há 23 dias com dores no coração. Ele passou

20 dias no Hospital de Base aguardando a vez de entrar na sala de cirurgia, mas não foi atendido. O baiano passou o fim de semana na casa de uma amiga e hoje, quando voltou, não tinha mais onde ficar. "Já estou sentado aqui há seis horas, mas sei que tem gente precisando mais da cama do que eu. Se a cirurgia não acontecer hoje, não sei o que vou fazer", disse.

Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Es-

RADIOGRAFIA

Locais visitados para elaboração do relatório sobre a saúde no Distrito Federal:

✓ Hospital de Base

✓ Hospital Regional de Planaltina

✓ Hospital Regional de Sobradinho

✓ Hospital Regional do Gama

✓ Hospital Regional de Ceilândia

✓ Hospital Regional de Taguatinga

✓ Hospital Regional de Brazlândia

✓ Hospital Regional do Guará

✓ Hospital Regional do Paranoá

Principais problemas verificados:

✓ Equipamentos de raio-x e tomografia quebrados

✓ Desfibriladores e ventiladores respiratórios sucateados

✓ Equipes reduzidas em todos os setores (médicos, enfermeiros, auxiliares de serviços gerais, limpeza e lavanderia)

✓ Falta de lençóis e roupas cirúrgicas que duram, no máximo, 45 dias

✓ Baixo estoque de reagentes químicos para exames laboratoriais

tabelecimentos de Saúde (Sind-Saúde), Antônio Agamenon, que acompanhou a visita, os problemas encontrados não estão restritos ao HBDF (confira quadro). "Isso aqui não é uma exceção, em todos os hospitais do DF você vê falta de material e de equipe", comentou. Amanhã, a comissão termina a inspeção no HBDF e começa a preparar o relatório sobre a situação da saúde no DF.

O levantamento detalhará os problemas identificados nos no-

ve locais já visitados, e no hospital psiquiátrico São Vicente de Paulo, que deve receber o grupo na próxima semana. A previsão é de que o relatório seja apresentado na Câmara Legislativa até o fim do mês. A Secretaria de Saúde informou que a compra de materiais e equipamentos para toda a rede pública está em fase de licitação e que em 60 dias eles devem ser distribuídos. Ainda não há previsão de quanto será destinado ao Hospital de Base.